

Agricultura familiar precisa ser agroecológica

No Brasil, o último censo agropecuário comprovou outra vez que é a agricultura familiar que mais coloca alimento na mesa do brasileiro. Isso, apesar de não ter o investimento que o agronegócio recebe. Para nós, há dois grandes desafios colocados para a agricultura familiar e camponesa. O primeiro é entrar como prioritária na política agrícola do governo e o segundo é tornar-se agroecológica, para produzir ainda mais e levar alimentos saudáveis e nutritivos para nossas mesas. Alguns países já estão enfrentando esses desafios.

• Veja página 2, 4 e 5.



Planejando a propriedade

Página 3



Entrevista: Agroecologia em Cuba

Páginas 4 e 5



Cooperação Internacional visita o Sabiá

Página 6



Educação ambiental em escolas

Página 7

Agricultura familiar alimenta o povo brasileiro

Por Laudénice Oliveira

Fechamos o ano com uma boa notícia e outra de difícil aceitação. A boa é que mais uma vez se comprova que a agricultura familiar, no Brasil, é que coloca alimento na mesa do povo brasileiro. Isso a gente já sabia, mas o bom mesmo é ser comprovado pelo censo agropecuário 2006, realizado pelo governo. A que é difícil de se aceitar, é que as terras brasileiras continuam concentradas nas mãos de meia dúzia de empresários do agronegócio. Isto também foi comprovado pelo censo agropecuário.

O documento traz números que são importantes divulgarmos. No que se refere a posse da terra, as famílias agricultoras brasileiras têm propriedade que o seu tamanho, em média, é de um pouco mais de 18 hectares. Já os proprietários não familiares, a média do tamanho de suas terras é de 309 hectares. Apesar dessa desigual distribuição de terra, ainda é a agricultura familiar que mais emprega no campo. São mais de 12 milhões de pessoas ocupadas neste setor. Enquanto que na agricultura não familiar só são quatro milhões.

Quando se fala em alimentos, também é a agricultura familiar que fornece a maior quantidade para a mesa dos brasileiros. São grãos como café, feijão, milho, arroz, trigo e soja, assim como a proteína animal: leite, aves, suínos e bovinos. O fato é que as famílias agricultoras alimentam a mesa e a economia interna brasileira. Enquanto que o agronegócio, usa as terras deste país para produzir para fora do Brasil e encher o bolso dos empresários desse ramo.

Eno meio disso tudo, estamos nós na defesa da agricultura familiar e camponesa de base agroecológica. Compreendendo, junto com as famílias agricultoras, que além de alimentar as mesas brasileiras, precisamos levar alimentos saudáveis para elas também. E, manter a luta para que agricultores e agricultoras mantenham-se em suas terras e aqueles e aquelas que ainda não têm mantenham a esperança de conquistá-la.

Produção de cartilha com agricultores e agricultoras

No Sabiá, o fazer juntos faz parte do jeito de trabalhar da instituição

Por Carlos Magno Morais

Foto: Laudénice Oliveira



A 2ª oficina aconteceu no sítio da família do agricultor Miltoninho – Triunfo/PE

Entre os meses de agosto e outubro de 2009, o Núcleo de Comunicação do Centro Sabiá realizou oficinas com agricultores e agricultoras de cinco municípios do Semiárido pernambucano, em Triunfo. As atividades foram para produzir os conteúdos para uma cartilha sobre Sistemas Agroflorestais (SAF), com foco na realidade semiárida.

Nas oficinas os agricultores e as agricultoras discutiram a importância da agrofloresta para quem vive na região Semiárida. Como ela garante segurança alimentar e nutricional, contribui para a

preservação das fontes de água e interage bem com a criação animal.

Além da construção de conteúdos para a cartilha, os participantes e as participantes fizeram uma proposta de roteiro para um vídeo que acompanhará a cartilha. Foram momentos de troca e construção coletiva do conhecimento agroecológico. “A gente se sente orgulhoso de ter nossas experiências publicadas por aí, onde antes era um trabalho que ninguém acreditava e chamava a gente de doido. Hoje, estamos colhendo os frutos e dando exemplos”, diz Milton Leão, agricultor de Triunfo, um dos participantes das oficinas.

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. **Endereço:** Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE, CEP: 50050-080. Fone/FAX: (81) 3223.3323/7026. **E-mail:** sabia@centrosabia.org.br **Sítio:** <http://www.centrosabia.org.br> **Diretoria:** **presidenta** – Sandra Rejane Pereira. **vice-presidenta:** Ivonete Lídia Vieira; **secretária:** Carmen Sílvia da Silva; **conselho fiscal:** Flávio Lyra, Rivaneide Almeida e Joana Santos. **Coordenação:** **coordenador geral** – Marcelino Lima; **coordenadora pedagógica** – Maria Cristina Aureliano; **coordenador de articulação política:** José Aldo dos Santos; **gerente administrativo financeira** – Verônica Batista. **Equipe Técnica:** Adeildo Fernandes, Ana Santos, Catarina de Angola, Carmo Fuchs, Fabrício Vitor da Silva, Daniel Dias e Laudénice Oliveira. **Equipe Administrativa:** Alexsandro Pereira, Denize Barbosa, Edneide Alves, Jacinta Silva, Janaina Ferraz, Paula Dantas, Pedro Eugênio da Silva e Vânia Luiza Silva. **Assessoria Técnica:** Alexandre Henrique Pires. **Estagiárias/o:** Luciana Batista e Juliana de Lucena. **Projetos Especiais:** Gilberto Souza, Josefa Santana, Nicléia Nogueira, Valdevan Honorato e Wallace Medeiros. **Edição:** Laudénice Oliveira (DRT/PE 2654) **Apoio:** Heifer, ICCO, Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Intermón/Oxfam, TDH Suíça, TDH Holanda e Misereor. **Tiragem:** 3.000 exemplares. **Projeto Gráfico:** Marta Braga. **Diagramação:** Alberto Saulo. **Impressão:** Gráfica Única

Organizar a propriedade para garantir produção

Planejamento é importante, porque a família observa o que já tem na sua terra e o que ainda deseja melhorar no seu sítio

Por Fabrício Victor

No mês de outubro, famílias agricultoras das regiões do Agreste, Sertão e Zonas da Mata de Pernambuco, realizaram o planejamento de suas propriedades. Essa é uma atividade que acontece todos os anos para que as famílias possam organizar os seus sítios e a produção de alimentos. É uma tarefa que junta agricultores, agricultoras e a assessoria técnica do Centro Sabiá.

Essa forma de organizar as atividades agrícolas das propriedades, também chamada de metodologia, vem sendo praticada pelo Sabiá há muitos anos. Ela é utilizada na hora de planejar as áreas que a família deseja fazer sua agrofloresta e iniciar sua produção agroecológica.

Foto: Fabrício Victor



Agricultores/as apresentam os desenhos que fizeram da propriedade

É importante conhecer bem o sítio



Hora de desenhar o que se tem no sítio

Para fazer o planejamento da propriedade, antes, sempre se faz uma discussão sobre o que é isso e qual a sua importância. Logo depois, realiza-se uma caminhada em toda propriedade para que o agricultor ou a agricultora mostre tudo o que tem no sítio. O outro passo, é fazer um desenho de toda propriedade. Uma tarefa que a família faz, no primeiro momento, com a contribuição de um técnico. “O planejamento é importante porque a gente observa o que tem na propriedade e coloca em prática o que planejamos. É através dele que identificamos o que precisamos para se realizar o desejado”, explica a jovem agricultora Josefa Fabiana, da comunidade de Cipoais, em Bom Jardim.

O desenho é para a família colocar no papel o que tem no seu sítio – cacimba, curral, pomar, etc -, e decidir

o que mais quer fazer – canteiro de horta, uma área para plantas medicinais e outros. O importante, é que a família tenha cuidado nas coisas novas que quer fazer na propriedade. É preciso observar bem para não planejar algo que não é possível fazer e nem colocar em prática.

Para que agricultores e agricultoras também possam contribuir na multiplicação dessa metodologia de trabalho, o planejamento também é realizado com grupos de famílias ou associações de agricultores/as. “Realizar essa atividade com grupos de famílias é muito proveitoso, porque acontecem trocas de conhecimento e experiências. Isso fortalece o trabalho e o entendimento dos agricultores e das agricultoras sobre a importância de se planejar”, explica Adeildo Fernandes, técnico do Centro Sabiá.

Debora Calaña

Cuba é um país que fica na América Central. Uma ilha do tamanho do estado de Pernambuco. Esse país vivia dominado pelos Estados Unidos da América, mas se libertou desse domínio há 50 anos. Insatisfeitos, porque o povo cubano conquistou sua autonomia, os Estados Unidos até hoje perseguem Cuba dificultando sua relação com outros países, principalmente as relações comerciais. Nesses 50 anos o país tem enfrentado vários problemas e um deles foi a queda na produção agrícola. Para superar a falta de matéria prima para investir em tecnologia no campo, a agroecologia foi a saída encontrada para garantir a produção de alimentos para o povo cubano. Leia a entrevista com Debora Calaña, do movimento agroecológico cubano.

Por Laudence Oliveira

A necessidade fez C

Para produzir alimentos com baixo agricultores e agricultoras com o a



Debora Calaña

Dois Dedos de Prosa - Como se formou o movimento agroecológico em Cuba?

Debora Calaña - Aqui, nós passamos por muitas fases. Aconteceram muitas transformações nesses 50 anos da nossa revolução. E o Movimento Agroecológico em Cuba, surge por uma necessidade.

DDP - Como assim, por uma necessidade?

Debora - Quando os revolucionários assumiram o governo em Cuba, manteve o mesmo processo produtivo que vinha sendo aplicado. Uma agricultura com alta tecnologia, grandes máquinas, uso de insumos químicos, porque com o avanço do bloco socialista nós tínhamos como manter essa tecnologia, já que tínhamos esses aliados. Até os anos 80 a nossa produção agrícola estava baseada nesse formato de produção.

DDP - Com a queda do bloco socialista (divisão da União Soviética, queda do muro de Berlim) vocês começaram então a ter problemas?

Debora - Quando cai o bloco

socialista a partir dos anos 80, tivemos problemas para manter a nossa produção agrícola nesse formato tecnológico. Sentimos a necessidade de recuperar a nossa agricultura tradicional que ainda existia. Fomos entender essa agricultura, fazer intercâmbio entre camponeses para manter a nossa produção de alimentos sem depender de grandes máquinas, de compras de insumos químicos, porque não tínhamos dinheiro para isso. E a ANAP (Associação Nacional de Pequenos Agricultores), teve um grande papel nessa mobilização.

DDP - Vocês trabalham com a Metodologia de Campesino a Campesino, não é?

Debora - Nós tomamos conhecimento dessa metodologia, e entre 1996 e 1997, adotamos a Metodologia Campesino a Campesino, criada na Nicarágua. Nos articulamos com a organização Pão para o Mundo, que trabalhava

com essa metodologia para aplicá-la aqui. E deu certo. Seguimos seus princípios básicos e também fizemos algumas adaptações a partir da nossa realidade. Com essa metodologia, os próprios camponeses são os instrutores de outros camponeses. O que se aprende se repassa para o outro. Assim, há uma rica troca de experiências e aprendizados, além do poder de multiplicação das experiências que é bem maior.

“Sentimos a necessidade de recuperar a nossa agricultura tradicional que ainda existia. Fomos entender essa agricultura, fazer intercâmbio entre camponeses para manter a nossa produção.”

Cuba optar pela agroecologia custo e maior produtividade as organizações de apoio do governo investiram na agroecologia

Foto: Laudénice Oliveira

quantas propriedades rurais existem em Cuba produzindo de forma agroecológica?

Debora – Há um ano e meio o movimento sentiu a necessidade de fazer esse levantamento. Esse levantamento nos apontou 100 mil propriedades agroecológicas completas ou iniciadas.

“Com essa metodologia, os próprios camponeses são os instrutores. O que se aprende se repassa para o outro.

Assim, há uma rica troca de experiências e aprendizados, além do poder de multiplicação das experiências que é bem maior.”

agroecológicas, pelo menos umas três, como iniciando. A segunda categoria, são as que já têm um nível de desenvolvimento maior, que os camponeses dessas propriedades já têm um domínio da metodologia e da prática agroecológica, já podem capacitar outros camponeses. A outra categoria é a que chamamos de excelência. Nesta, o agricultor já é um promotor da agroecologia, já ensina, dá assistência a outros produtores, tem seu próprio banco genético (banco de sementes), sua propriedade não depende de insumos vindo de fora.

DDP – É o que chamamos de autosustentável.

Debora – É autosustentável. Inclusive há uma rigidez muito grande para a propriedade ser considerada de excelência. Já aconteceu de um município enviar para cá a lista de 30 propriedades consideradas por eles de excelência para fazermos a classificação. Essas propriedades foram visitadas para saber se ficariam no grupo de excelência. Das 30, apenas sete foram consideradas de excelência. O rigor é grande para fazer essa classificação.

DDP - Essa metodologia é utilizada nacionalmente?

Debora – A ANAP, que articula todo esse movimento, percebeu que ela era uma ferramenta muito importante para disseminar e fortalecer a agroecologia em Cuba. Então, transformou essa metodologia em sua política estratégica para o movimento. Hoje, todo o país realiza essa política.

DDP – Ela também foi adotada como uma política do governo cubano?

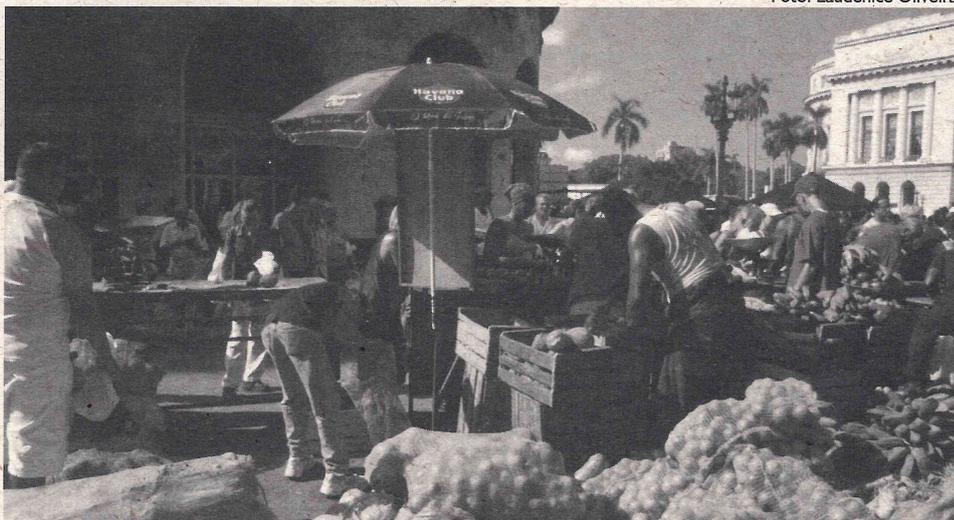
Debora – Não. Ela ainda não é uma política de governo. Mas temos os ministérios da Agricultura e do Açúcar como grandes aliados nosso nesse trabalho. Assim como a Secretaria de Tecnologia e Meio Ambiente. Nesses ministérios, inclusive, criaram-se grupos agroecológicos para acompanhar e interagir com essa política e com o trabalho que estamos desenvolvendo.

DDP – Vocês têm o levantamento de

DDP – O que vocês consideram completas e iniciadas?

Debora – Nós criamos três categorias para classificar as propriedades agroecológicas. A primeira são aquelas que estão iniciando. Neste caso, consideramos uma propriedade que esteja realizando algumas práticas

Foto: Laudénice Oliveira



Feira de produtos agrícolas em Havana Velha – Cuba

Cooperação internacional visita famílias agricultoras

As visitas ocorreram nas regiões do Agreste e Zona da Mata em Pernambuco

Por Catarina de Angola e Laudence Oliveira

Foto: Catarina de Angola



Representantes da Heifer visitam sítio do agricultor Luiz Eleotério – Agreste/PE

Em novembro, integrantes das agências de cooperação internacional Heifer e Misereor visitaram famílias agricultoras do Agreste e da Zona da Mata, assessoradas pelo Centro Sabiá. O

objetivo foi de compartilhar as experiências de agricultores e agricultoras com os doadores das agências.

No Agreste, a equipe da Heifer entrevistou cinco famílias que

recebem apoio dos projetos financiados pela agência. Agricultores e agricultoras falaram das mudanças e melhoria na qualidade de vida da família. Os depoimentos farão parte de um material de divulgação das ações da Heifer, para continuar sensibilizando seu público doador. “Achei muito boa a visita deles, pois vejo isso como o reconhecimento do meu trabalho”, afirma Jeová Pereira, jovem agricultor de Bom Jardim, Agreste de Pernambuco.

“Quando os agricultores e as agricultoras participam, estão fazendo com que as suas histórias sejam conhecidas e que elas possam servir de estímulos para as famílias que doam os recursos para os trabalhos da Heifer.”, explica Olga Matos, coordenadora da regional Nordeste do Programa Heifer Brasil-Argentina.

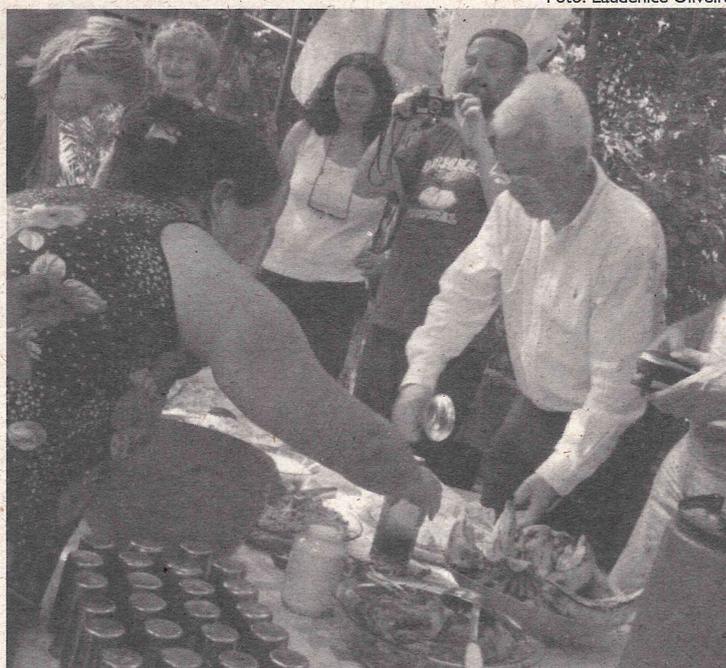
Conhecendo a agricultura agroflorestal

No município de Abreu e Lima, na Mata Norte, um grupo de dez alemães doadores da Misereor e representantes da agência de cooperação, conheceu a experiência em agrofloresta do casal Jones e Lenir Pereira.

O grupo foi recebido com um almoço agroecológico e realizaram visita à área para entender como funciona o processo de produção agrícola da família. Para Andreas Bayer, um dos visitantes, a produção agroflorestal parece fácil, mas a visita proporciona uma outra avaliação. “É necessário muita sabedoria para fazer o que vocês fazem aqui”, afirma Andreas.

Para a representante da Misereor, Heike Tentel, no sítio de Jones e Lenir observa-se até um clima diferente. “É impressionante, como há uma diferença quando se chega aqui. Além disso, há uma hospitalidade e uma energia muito positiva nesse lugar”, diz Heike. O Centro Sabiá recebe o apoio da Heifer e da Misereor para prestar assessoria às famílias agricultoras em Pernambuco.

Foto: Laudence Oliveira



Visitantes da Misereor foram recebidos com almoço agroecológico

Educação Ambiental em escolas públicas do Sertão

Projeto foi realizado em escolas municipais do Sertão do Pajeú, em Pernambuco

Por Catarina de Angola

No mês de dezembro, o Centro Sabiá encerrou as atividades do Projeto Referencial de Educação Ambiental realizado em escolas dos municípios de Afogados da Ingazeira, Carnaíba, Flores e Sertânia, situados no Sertão do Estado. O projeto teve o objetivo de contribuir e ampliar as discussões sobre a educação ambiental nas escolas rurais da região numa perspectiva de gerar propostas para serem transformadas em políticas públicas para os municípios.

A idéia do Centro Sabiá em desenvolver esse projeto foi, também, de contribuir para que a Lei de Educação Ambiental, em vigor desde 1999, seja colocada em prática nas escolas rurais em Pernambuco. Isto para que se entenda a educação ambiental como um dos instrumentos de desenvolvimento, de cidadania e garantia e efetivação de direitos.

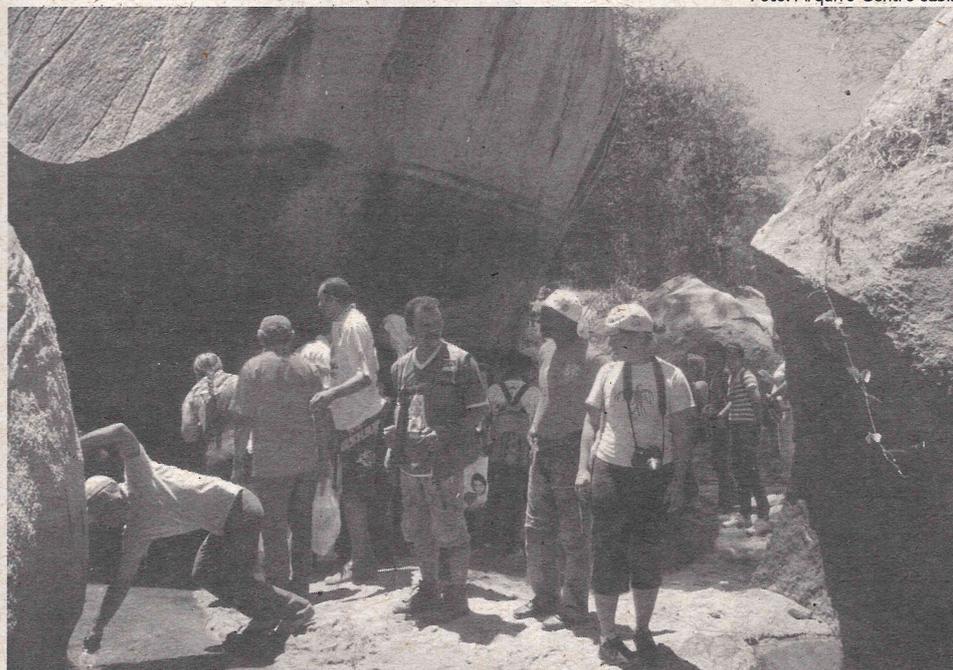
Foto: Arquivo Centro Sabiá



Criança durante oficina sobre plantas da Caatinga – Carnaíba/PE

Formação para professores e alunos

Foto: Arquivo Centro Sabiá



Professores/as foram conhecer de perto o rio Pajeú

O projeto formou no ano de 2009, 20 professores e professoras e envolveu 242 estudantes de sete escolas de comunidades rurais dos municípios envolvidos. Várias atividades foram realizadas com esses dois grupos e as moradores e moradoras das comunidades onde estavam as escolas.

Diversas oficinas foram feitas com crianças e adolescentes para entenderem e colocar em prática formas de preservar o meio ambiente. Nas turmas foram desenvolvidos vários conteúdos a partir da realidade local. Professores e professoras e estudantes também fizeram visitas às propriedades rurais de agricultores e agricultoras para conhecerem as formas de produzir alimentos saudáveis.

Avaliando 2009 e planejando 2010

Famílias agricultoras da Zona da Mata, Agreste e Sertão, em Pernambuco reúnem-se para discutir demandas

Por Catarina de Angola

Agricultores e agricultoras das três regiões do estado de Pernambuco, assessorados pelo Centro Sabiá, reuniram-se nos seminários de Planejamento Monitoramento e Avaliação (PMA). Eles/as avaliaram as atividades realizadas no ano de 2009 e planejaram as ações para 2010.

Os seminários foram realizados no mês de novembro nos municípios de Sirinhaém, na Zona da Mata, Bom Jardim, no Agreste e Triunfo, no Sertão. “Esse momento foi uma troca. Vi muitas experiências bonitas aqui e fiquei me perguntando, depois que vi os jovens, por que não fortalecer esses grupos de jovens que são o futuro?”, explicou o agricultor João Ribeiro, do sítio Feijão II, em Bom Jardim.

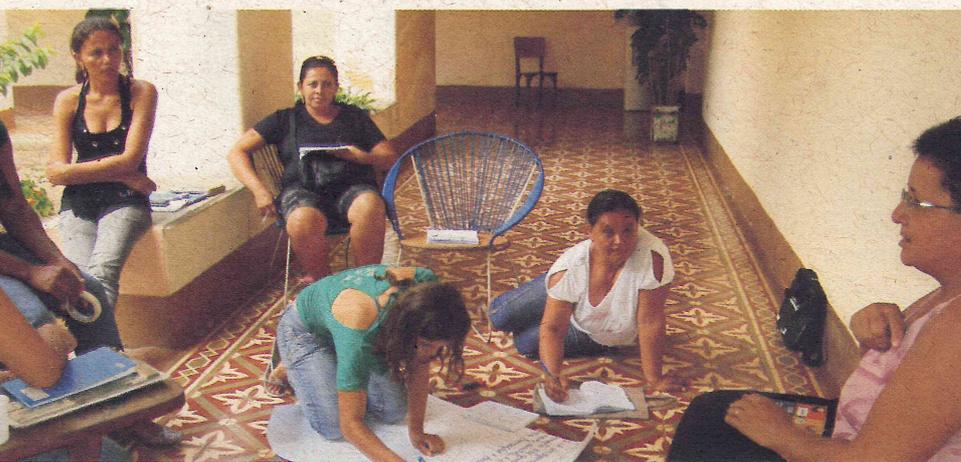
Foto: Catarina de Angola



Agricultores e agricultoras do Agreste durante a avaliação.

Os/as agricultores/as fizeram avaliação em trabalhos de grupos, a partir dos temas produção e transição agroecológica, segurança alimentar, gênero, juventude, políticas públicas, comunicação e gestão. No planejamento, cada município apresentou suas demandas. Os resultados apresentados pelos agricultores/as irão fazer parte da avaliação anual do Centro Sabiá e também do planejamento da instituição para o ano de 2010.

Foto: Arquivo Centro Sabiá



A avaliação do Sertão aconteceu em Triunfo, durante do Fórum das Comunidades

Foto: Catarina de Angola



Na Zona da Mata agricultores e agricultoras se reuniram em Sirinhaém